

## DOÇURA E TRADIÇÃO: A PRODUÇÃO DE ALFENINS E VERÔNICAS EM PIRENÓPOLIS GO

**Julia Bueno de Morais Silva**

Doutora e Professora UEG e UniEVANGÉLICA do curso de  
Gastronomia. E-mail: [juliabueno44@hotmail.com](mailto:juliabueno44@hotmail.com)



**Mauricio Rezende Rodovalho**

Mestrando e Professor da UniEVANGÉLICA do curso de  
Gastronomia. E-mail: [el\\_alamy@hotmail.com](mailto:el_alamy@hotmail.com)



**Viviane Antonio Abrahão**

Mestre e Professora da UniEVANGÉLICA do curso de Gastronomia. E-  
mail: [vivianeabrahao@unievangelica.edu.br](mailto:vivianeabrahao@unievangelica.edu.br)



*tradição, doces,  
festas.*

**Resumo:** Entendendo a cozinha como um símbolo cultural, de memória, e também um fator de identidade. O estudo dos alfenins produzidos para festa do Divino Espírito Santo Pai Eterno em Pirenópolis-Go objetiva a compreensão da dinâmica cozinha-festa-tradição. Através da observação, da leitura dos relatos e das entrevistas com os produtores dessas especiarias, podemos retratar a simbologia entre alimento e religião.

### **Sweetness and Tradition: The production of Alfenins and Verônicas in Pirenópolis-GO**

*Tradition, Sweet,  
Fest*

**Abstract:** Understanding the kitchen as a cultural symbol, memory, and also a identity factor. The alfenins study produced for Holy Spirit Eternal Father feast in Pirenópolis-Go has the objective to understand the kitchen-party-tradition dynamics. Through observation, reading reports and interviews with the producers of spices, we can portray the symbolism between food and religion.

## Introdução

A Festa do Divino de Pirenópolis é realizada anualmente desde 1819, data do primeiro registro na lista local de imperadores. Desde então, ano após ano, essa listagem é atualizada e publicada na programação da festa. É considerada uma das mais expressivas celebrações do Espírito Santo no país, especialmente pelo grande número de seus rituais, personagens e componentes, como as cavalhadas de mouros e cristãos e os mascarados montados a cavalo. Enraizada no cotidiano dos moradores de Pirenópolis, a Festa do Divino determina os padrões de sociabilidade local, consolidando-se como elemento fundamental da identidade cultural da cidade.

Os rituais têm início no domingo de Páscoa e seguem até o domingo seguinte ao feriado de Corpus Christi. O clímax da festa é no Domingo de Pentecostes ou do Divino. Os elementos essenciais incluem as Folias da Roça e da Rua, a coroa, as cerimônias e rituais do Império, com alvoradas, cortejos do Imperador, novena, jantares, cafés, missas cantadas, levantamento do mastro, queima de fogos, distribuição de alfenins e verônicas, sorteio e coroação do novo Imperador.

O culto ao Espírito Santo está relacionado às comemorações do fim do ciclo agrícola, época festiva da colheita de cereais, e remete à celebração judaica de Pentecostes, quando se ofertavam os primeiros frutos da colheita ao Espírito Santo. No dogma católico, o Espírito Santo integra a Santíssima Trindade, ao lado de Deus Pai e de seu Filho Jesus ( MARIANO, 58).

Nosso objetivo e a compressão do fenômeno cultural expresso na entrega dos alfenins e verônicas símbolos da presença do Espírito Santo que é digerido por toda população independente de sua religiosidade. Para tanto descreveremos as origens da festa e dos seus símbolos e focalizaremos na confecção dos doces de alfenins como expressão da cultura e da gastronomia.

## Referencial Teórico

A festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, maior manifestação popular e religiosa da cidade, constitui em uma intensa mescla de variadas manifestações religiosas e profanas, de diversas origens e significados. Uma profusão de folclores tão rica que contagia tanto o leigo como o erudito, o profano e o religioso, servindo a todos em todas as suas formas e línguas. Assim é o Divino Espírito Santo, uma tradição. Palavra com origem no termo em latim traditio, que significa "entregar" ou "passar adiante". A tradição é transmissão de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças e lendas, para pessoas de uma comunidade, sendo que os elementos transmitidos passam a fazer parte da cultura local. Flores (1997, p.135), afirma que

tradição é uma versão do passado que se deve ligar ao presente e ratificá-lo. O que ela oferece, na prática, é um senso de continuidade.

Uma tradição local que tem sido recriada, como a sociedade que a organiza e dela participa assim e a festa do Divino, em Pirenópolis, (SILVA, 2001, p. 179), além de definir a festa, chama atenção para o fato de que uma tradição necessita de depositários de memórias, pessoas que pertençam ao grupo e que se encarreguem de fornecer interpretações dela. A festa representa a celebração de diferentes eventos com seus respectivos símbolos. A memória da festa pulverizou-se nos mais diferentes eventos que compõem a programação dos festejos: folia, autos de dança, cavalhadas, rezas, procissão, distribuição de doces:

Para a cerimônia do cortejo do imperador, no domingo de Pentecostes, centenas de meninas virgens, vestidas de branco oferecem alfenins e pães durante o trajeto da casa do imperador-festeiro do ano, à Praça da Matriz Nossa Senhora do Rosário.

Segundo Dona Teresina Camargo, esse ano será distribuído mais de 10 mil verônicas, todas feitas por ela que há 60 anos produz, é o símbolo da festa a figura do Espírito Santo impressa no mais fino açúcar, distribuído nas ruas gerando uma grande comunhão entre todos que ao degustarem sua verônica recebem também os dons do Espírito Santo. Tradição inventada constitui em uma expressão criada por Eric Hobsbawm e definida:

como um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas....  
(...) tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade com o passado (1984, p. 9).

Continuidade de uma tradição iniciada 1819 com início das cavalhadas e 1826 relação dos Imperadores do Divino, reproduzidas anualmente nos programas das festas, inclusão das pastorinhas em 1917, constituem alguns marcos da historicidade da festa. A inclusão dos doces às celebrações religiosas representa a inclusão de um elemento que expresse a valorização da festa pela riqueza e elaboração de cada peça.

Herança do tradicional doce de tabuleiro do Brasil colônia, o alfenim é um doce delicado e frágil, de cor branca, que se apresentam em formas esculpidas de bonecos, animais, flores e tudo mais que a imaginação criar. A história do Alfenim começa com os árabes, passa pelos portugueses e chega ao Brasil onde adquire forte significado cultural.

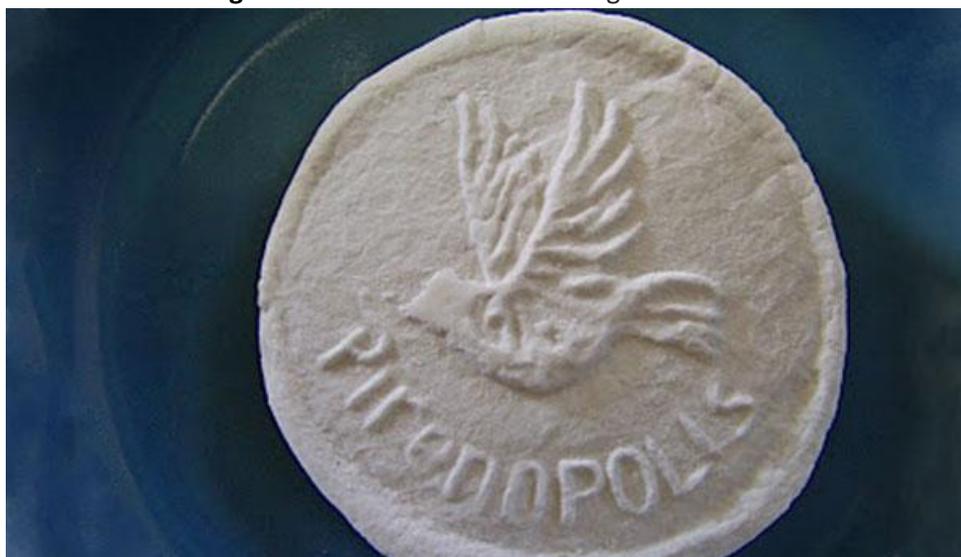
Para Câmara Cascudo "Alfenim: alfenie, do árabe, valendo o alvo, o branco. Massa de açúcar branco, uma das gulodices orientais. Em Portugal, já era popularíssima em fins do século XV e princípios de XVI. Era um doce fino, sem as complicações portuguesas e brasileiras, onde tomou formas humanas, de animais, flores, objetos de uso, vasos, cachimbos, estrelas. Sempre com

pequenos desenhos vermelhos. É açúcar e água, apenas. Passa-se goma nas mãos na hora de puxar o fio no ponto do alfenim. De sua fragilidade e mimo restou a comparação melindrosa como o alfenim que pertenceu a doçaria dos conventos, ofertado nos outeiros e nas festas de recebimento pelas grades nos abadessados portugueses no século XVIII.

A alimentação e os produtos alimentares faz parte da cultura de todos os grupos sociais e, por meio dela, podem-se compreender várias instâncias de uma sociedade, pois se trata de um ato social de valor simbólico, envolvendo valores, crenças, ritos, revelando a sua identidade e história, porque, numa cultura, a alimentação relaciona-se às ordens sociais, econômicas, políticas, religiosas. Um doce criado por mãos habilidosas que são capazes de transformar açúcar puro em um símbolo de religiosidade, e a figura do Espírito Santo, o Espírito de Deus em um doce que desmancha ao ser colocado na boca.

As Verônicas são alfenins feitos com os seguintes ingredientes: açúcar, limão e clara de ovos. O primeiro passo da fabricação é a limpeza do açúcar. Os ingredientes são colocados em uma panela que é levada ao fogo para formar o melado. Durante a fervura acrescenta-se um pouco de água para baixar o melado facilitando a retirada das impurezas (espuma) que vão sendo retiradas com uma escumadeira. Depois de limpo o melado fica no fogo para apurar e chegar ao ponto de bala, então é levado para uma pedra resfriada com gelo para receber um choque térmico e pegar o ponto de puxa. Em seguida essa puxa é batida com as mãos até ficar branca, quando então vai para uma grande mesa e é cortada em pequenos pedaços, que vão ser modelados com os símbolos do Divino (pomba, Nossa Senhora, coroa). Depois de modeladas as Verônicas são colocadas em grandes tabuleiros que ficam ao sol para secar (contribuição Manuel Aponte).

**Figura 1** - Verônica com tema religioso católico



Fonte: <http://cidadedepirenopolis.blogspot.com.br/2013/05/o-alfenim-na-festa-do-divino.html>

**Figura 2** - Verônica com tema religioso católico



Fonte: <http://cidadedepirenopolis.blogspot.com.br/2013/05/o-alfenim-na-festa-do-divino.html>

**Figura 3** - Alfenim em formato de animal



Fonte: <http://cidadedepirenopolis.blogspot.com.br/2013/05/o-alfenim-na-festa-do-divino.html>

**Figura 4** - Forma onde é moldada a verônica



Fonte: <http://cidadedepirenopolis.blogspot.com.br/2013/05/o-alfenim-na-festa-do-divino.html>

Sempre brancas as verônicas representam doçura, pureza e fé, por parte daqueles que as fabricam e que acreditam estar prestando um serviço a Deus, como também por parte daqueles que as recebem em um ritual de crença e adoração.

As Verônicas que significa imagens idênticas recebem esse nome por ser iguais às hóstias consagradas pelos sacerdotes e distribuídas durante as missas a toda comunidade. A diferença consiste em que as Verônicas representam o Espírito Santo, mas não são consagradas pelos sacerdotes, são símbolos, lembranças que são distribuídas na festa e que quando levadas a boca no contato com a saliva se dissolve, para os fieis é um ato sagrado é a absorção do Espírito Santo e para o profano é um doce fino e saboroso.

Os alfenins podem receber diferentes formatos: animais, flores, etc, mas sempre com desenhos delicados e miniaturas com uma referencia aos animais do presépio natalino – vacas, ovelhas, camelo, etc. O alfenim tem o caráter mais decorativo do que sagrado.

Constituem um trabalho artesanal que tradicionalmente é passado de geração para geração, hoje em Pirenópolis apenas Dona Teresina Camargo dedica-se a confecção dos alfenins e Verônicas e segundo ela “faço por amor e devoção, esse ano de 2016 foram mais de 2.000 unidades confeccionadas”.

### **Considerações Finais**

Uma fonte para conhecer a cultura de um povo é através do turismo e dos seus hábitos gastronômicos. Durante as festas religiosas os costumes e padrões culturais tornam se mais visíveis. No Brasil as festas religiosas são cada vez mais utilizadas como ferramentas turísticas no anseio de manter a identidade de uma comunidade por meio de seus costumes gastronômicos que são bem variados de uma região para outra e ela tem se tornado como uma opção de atrativo turístico-cultural de determinados destinos favorecendo a atividade turística em vários lugares.

O importante não é saber de onde vieram nossos hábitos e costumes, mas entender seu papel na sociedade atual (FREYRE,1967, p. 196). Os alfenins distribuídos na Festa do Divino de Pirenópolis são mais que doces oferecidos à população durante o cortejo que o imperador faz de sua casa a igreja. A escolha de algo tão delicado e doce constitui a representação viva do maior símbolo da Fé Cristã a presença do Espírito Santo de Deus.

A arte de preparar alimentos de cada povo está relacionada à sua cultura vinculada à sua religiosidade, classe social, etnia. A manutenção dessa tradição perpassa pela continuidade do saber fazer, do saber transformar açúcar em um elemento sagrado.

Há um consenso entre os autores de que a sociedade se expressa através de suas festas populares demonstrando não só aquilo que acredita, mas também aquilo que deseja realizar ou

modificar. O interesse turístico nas festas religiosas que ocorrem em Goiás demonstra o reconhecimento e a valorização dessas tradições onde se une a gastronomia, o turismo e a fé.

A etnografia da festa do Divino de Pirenópolis aponta para um conjunto de manifestações: folia de reis, cavalhadas, as pastorinhas, a congada com músicas exclusivas da festa. Cada momento marcado pela manifestação religiosa e pela celebração gastronômica que acompanha os pontos primordiais desde o início até o final da festa.

Embora contando com um número grande de turistas que todo ano dirige-se a Pirenópolis para participar da festa ela se mantém sob a liderança e organização das famílias locais e da Igreja que consegue separar os rituais para os pirenopolinos e os rituais para os turistas apreciarem.

A festa do Divino em Pirenópolis como toda festa tradicional é reinventada e recebeu ao longo dos séculos diferentes configurações, porém a distribuição das Verônicas manteve-se constante.

#### **Referências**

CARNEIRO, Kely Cristina. *Cartografia de Goiás: Patrimônio, festa e memórias*. Tese de mestrado apresentada a Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em História, 2005.

FLORES, M. B. R. *Oktoberfest: Turismo, Festa e Cultura na Estação do Chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

HOBBSAWM, Eric. "Introdução" In: HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

FABIENE, Passamani Mariano. *Patrimônio e Memória: O Divino em Viena do Espírito Santo*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade Federal do espírito Santo para obtenção do título de Mestre, 2012.

FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista*. Recife: IJNPS/MEC, 1967.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2008.

SILVA, Mônica Martins. *A Festa do Divino: Romanização, Patrimônio & Tradição em Pirenópolis (1890-1998)*. Goiânia: AGEPEL, 2001.

